

2 FEV 1988

FOLHA DE SAO PAULO

Descompasso no mandato

A polêmica sobre a duração do mandato do presidente José Sarney não evidencia apenas a falta de espírito público de muitos dos interlocutores políticos do país, ou um espetáculo vergonhoso de fisiologia, barganha e cinismo, ou ainda a tentativa desesperada de um governo que identifica nos "cinco anos" seu único programa, sua principal estratégia e sua maior ambição. Com efeito, há um enorme e inadequado descompasso entre a população brasileira e os membros do Congresso constituinte.

Os números de duas pesquisas realizadas pelo DataFolha, publicados na edição de domingo, revelam com uma crueza incomum essa distância entre os parlamentares e aqueles que os escolheram como representantes: enquanto 75% dos entrevistados das dez capitais mais importantes manifestam uma posição inequívoca pelas eleições presidenciais em novembro próximo (contra apenas 22% para um mandato maior), no Congresso constituinte a tendência é cincoanista, ainda que por uma margem pequena (49 a 43%).

É certo que em novembro do último ano a Folha constatou que 80% dos entrevistados estavam a favor do mandato de quatro anos; mas esta pequena diferença de agora (5% a menos) não serve de argumento para se anotar uma reversão. Os dados permanecem irrefutáveis. É notório o desejo de se escolher logo e diretamente o futuro presidente da República; é

Editorial p. A2
nítida a vontade de se pôr fim ao período de transição política, uma etapa que já se considera cumprida, assim como é flagrante o descontentamento geral para com um governo que não conseguiu vencer o imobilismo, a incompetência e a desmoralização.

Mas 49% do Congresso constituinte parecem ignorar essa realidade. E não o fazem por convicção política; o reordanamento institucional do país transformou-se em um mero detalhe nesse processo de definição. O movimento pendular dos constituintes — ora a favor dos quatro, ora a favor dos cinco anos — vem sendo determinado pelos interesses pessoais de algumas lideranças, pela promessa de nomeações, vantagens ou favores e pelas tratativas escusas.

O que mais impressiona nesse processo, no entanto, é a desfaçatez. Foi-se o tempo dos entendimentos políticos imorais realizados a portas fechadas. O "Centrão" inaugurou uma nova forma de legislar e de escrever uma Carta constitucional: oferece os seus votos às escâncaras, exigindo, em alto e bom som, cargos, recursos e tudo o que um governo pode oferecer em troca. É nesse cenário de transparência imoral, de mercantilismo ilegítimo e de desprezo pela vontade explícita da opinião pública que se vai discutindo a duração do mandato do presidente José Sarney.